

# Centro de Estudos Baianos

---

---

THALES DE AZEVEDO

UM MOMENTO DA VIDA INTELECTUAL NA BAHIA  
(1917 - 1938)

A PRESENÇA E INFLUÊNCIA DO  
PE. LUIZ GONZAGA CABRAL S.J.

---

---

PUBLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA

121

THALES DE AZEVEDO

UM MOMENTO DA VIDA INTELECTUAL NA BAHIA  
(1917 - 1938)

A PRESENÇA E INFLUÊNCIA DO  
PE. LUIZ GONZAGA CABRAL S.J.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS  
1986

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Professor Germano Tabacof  
Reitor da Universidade Federal da Bahia

Professora Eliane Elisa de Souza e Azevedo  
Vice-Reitora da UFBA.

Professor Fernando da Rocha Peres  
Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA

Azevedo, Thales de

Um momento da vida intelectual na Bahia,  
1917-1938 : a presença e influência do Pe.  
Luiz Gonzaga Cabral S.J. / Thales de Azevedo  
do. — Salvador : Centro de Estudos Baianos  
da Universidade Federal da Bahia, 1986.

36p. ; 22cm. — (Universidade Federal da  
Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação  
: 121)

1. Cabral, Luiz Gonzaga, SJ. I. Título.  
II. Serie.

CDU - 92 Cabral, Luiz G.

(Centro de Estudos Baianos da UFBA)

## S U M Á R I O

- A PRODUÇÃO LITERÁRIA DO PE. CABRAL NA BAHIA/  
SEU TRABALHO NO CÍRCULO CATÓLICO DE ESTUDOS  
DA SOCIEDADE ACADÊMICA..... 05
- PORTUGUESES NA BAHIA E A REPÚBLICA EM PORTUGAL  
GAL (1910)..... 22
- BIBLIOGRAFIA DO PE. CABRAL S.J./ESBOÇO PRELIMINAR  
MINAR..... 34

A PRODUÇÃO LITERÁRIA DO PE. CABRAL NA BAHIA  
SEU TRABALHO NO CÍRCULO CATÓLICO DE ESTU  
DOS DA SOCIEDADE ACADÊMICA

Um momento da vida intelectual na Bahia que julgo merecer registro e exame é o da presença do jesuíta Luiz Gonzaga Cabral, de 1917 a 1938 aproximadamente, falecendo a 28 de janeiro de 1939.

Os jesuítas portugueses voltaram à Bahia em 1911, cento e cinquenta e dois anos depois da expulsão do império português pelo Marquês de Pombal. Não eram numerosos como haviam sido em nossa terra no tempo anterior ao banimento nem gozavam do amparo dos poderes públicos e dos privilégios na época em que se celebrizaram pela ação catequética, educativa e intelectual, cuja valia lhes é reconhecida pelos nossos historiadores. Vinham banidos da pátria pela revolução que em 5 de outubro de 1910 instaurou a república, proibindo-lhes a permanência e o trabalho de educadores e formadores de consciências cristãs no afamado Colégio de Campolide, no Barro, em S. Fiel e noutras casas e residências. Na Cidade do Salvador fundaram e iniciaram suas aulas a 15 de março de 1911 com o Colégio Antonio Vieira, ligado a um dos estabelecimentos educacionais que jesuítas de outras procedências haviam criado no sul do país desde meados do século passado; o colégio foi insta

lado no prédio da Rua do Sodré, nº 43, consagrada como morada do poeta dos escravos, em que havia funcionado o Colégio Florêncio sob a direção do acatado Prof. Raimundo Bizarria, que se retirava para o Ceará, sua terra de origem. Dali mudou-se para o belo casarão da Rua Coqueiros da Piedade, nº 3, no qual fizera nome o Colégio Sete de Setembro, do Prof. Luís da França Pinto de Carvalho. O novo estabelecimento de ensino procurava, naqueles sítios, continuar a obra de famosos educadores baianos. A mudança para o Garcia havia de verificar-se nos anos 30.

A atividade pedagógica por esses jesuítas portugueses, desenvolvida sob os princípios e métodos da *Ratio Studiorum*, do fundador Inácio de Loyola, grangeou sem tardança crédito à nova escola e aumento crescente de alunos. Documentam esse trabalho os Anuários impressos por ocasião do encerramento dos cursos e da solene premiação, o primeiro já de 1914. A presença do Pe. Luiz Gonzaga Cabral (Luiz G. do Vale Coelho Pereira Cabral, natural da cidade do Porto, da família dos Constantino, fabricantes de conhecidos vinhos), nesta Cidade do Salvador, teve início em 1917 como mestre da língua e literatura portuguesa, do latim, da religião, da filosofia.

Aqui já encontrou, fundada em 1916 no seu colégio, a Congregação da Imaculada Conceição e São José para Estudantes dos Cursos Superiores, logo intitulada Congregação Mariana Acadêmica, de sigla C.M.A.: era o campo de apostolado que se estendia aos alunos das Faculdades de Medicina, Farmácia, Engenharia, Direito, a começar com preleções literárias de um dos professores que eram todos padres. Em 1917, a 26 de agosto, cria o Pe. Cabral o Círculo Católico de Estudos da Mocidade Acadêmica, com

vida independente embora filiado à C.M.A. As preleções literárias foram substituídas por preleções de filosofia, que tomou a seu cargo. Dão notícia desse Círculo seus *Catálogos*, com listas de componentes e sócios honorários que aceitavam patrocinar os programas e, por vezes, participar das sessões: entre esses, figuravam no catálogo de 1919, como honorários, desde 1917 fundadores da Academia de Letras da Bahia, os escritores Egas Moniz Barreto de Araújo, o poeta Pethion de Vilar; Filinto Justiniano Ferreira Bastos, Homero Pires, Manoel Pirajá da Silva, Teodoro Sampaio. Outros se ajuntariam a essa lista, como se verifica nos 2 volumes do *Arquivo Mariano Acadêmico* e nos grupos fotográficos aí inseridos, num total de 28 nomes de professores das Faculdades e alguns mais.

Na Europa, o Pe. Cabral já se notabilizara aos 37 anos de idade, ao publicar em 1901, em 2 vols., a obra *Vieira-pregador*, profundo e erudito estudo filológico, teológico e estilístico da eloquência sagrada no grande inaciano do século XVII, tão estreitamente ligado à Bahia. Essa obra-prima, por seu extraordinário valor e pela precedência a tudo mais que produziu, fora antecédida, um ano antes, pelo livro *Une grande figure de prêtre, Vieira* (Paris, Ed. Retaux), em que já examina a biografia, a personalidade e a eloquência de seu irmão e mestre na Companhia de Jesus.

Num esforço digno de admiração, sem ceder à fadiga do trabalho de professor, de pregador, de conferencista, a certa altura de diretor do Colégio na fase dificultosa da construção do prédio ao Garcia e ainda por entre viagens ao interior do Estado e a outras partes do país, convidado como orador sacro

e conferencista, e, pelo menos duas vezes, a Europa, o Pe. Cabral discorre sobre gêneros literários, analisando os critérios de autores brasileiros, portugueses, franceses, no prefácio de 1923 ao livro *Flores da Bíblia*, da escritora baiana Amélia Rodrigues; no mesmo ano escreve o prólogo à edição brasileira da obra *Le Combat de la Pureté*, de J. Hoornaert, que se publica na Bahia, pela Tipografia Salesiana; a convite de Carlos Malheiro Dias produz em 1925 a substancial obra *Jesuítas no Brasil*, examinando, à luz do pensamento dos mais autorizados historiadores brasileiros, a marca deixada pelos inicianos no século XVI. E faz mais: prefacia o livro do Pe. J. Caeiro sobre a expulsão da Cia. de Jesus do Brasil em 1759, mostrando outra vez sua erudição e excepcional capacidade como lingüística e estilista.

Publicou ainda outros estudos e conferências sobre temas literários, políticos, biográficos no Brasil. O principal da sua temática e religioso por rem de excepcional valor vernáculo. Outra produção é a contida em dois volumes do *Arquivo Mariano Acadêmico* (1º, 1916 a 1923; 2º, 1924 a 1927), discursos e conferências na Associação dos Empregados do Comércio em benefício da C.M.A., sobre a obra educativa salesiana; em filosofia da religião no Centro Católico Baiano; sobre a estátua do Cristo no Monte de Jesus, oferecida à Cidade pelo Cons. José Botelho Benjamim; sobre "As lições do descobrimento da América"; "O livro, a pátria e a fé", inaugurando o novo edifício do Gabinete Português de Leitura; no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, "Os Estudos Geográficos e Históricos", oração oficial da comemoração da Independência em 1918, e "Brasil e Portugal" na mesma data, em 1920. Também "Per

ardua surgo" e "Per Cruce[m] ad Lucem" sobre a aproximação entre a legenda de armas da nossa cidade e o lema arquiépiscopal de dom Augusto Alvaro da Silva, em 1925; "Religião e Pátria", poema dirigido ao Governador Francisco Marques de Gões Calmon; "Panoramas", de impressões de sua viagem a partir de 28 de janeiro de 1917, sebarando-se da Europa natal para o Brasil, e o discurso "Au R.P. Yves de la Brière", no Gabinete Português. Toda essa produção, no intervalo das aulas diárias, era feita no pequenino quarto de 3º andar do Colégio, onde funcionou muitos anos o que chamava de seu "cinema", isto é, as reuniões com alunos e membros da C.M.A. e do C.C.E.M.A., todas as noites, das 7 às 9 horas, em torno de idéias, de acontecimentos literários e intelectuais, de vultos das letras brasileiras, portuguesas, francesas. Ali testemunhei debates sobre filologia, doutrina católica, movimentos ideológicos lusos e brasileiros de então, como a Ação Integralista e a *Action Française*, esclarecendo e advertindo sobre os riscos para a fé e a ação desse e daquele "catolicismo político", na França, os "camelots du Roi" tomando a religião como foco da sua "politique d'abord".

Faço este registro, apenas tentativo, impreciso, num apelo à crítica e à avaliação dessa copiosa e importante obra e ao exame do exemplo de laboriosidade e constância que deu à mocidade de então, sem mostrar cansaço ou enfado, sem impacientar-se, sempre metódico e organizado, como se comprova na série de cadernos em que fazia o resumo dos seus sermões, material em poder do seu antigo aluno acadêmico Hélio Simões, que o apresentou à Câmara de Letras do Conselho Estadual de Cultura (em anexo, meu esboço de bibliografia do Pe. Luiz Gonzaga Cabral).

Outro testemunho de sua presença e atuação, como disse, documenta-se nos dois volumes do *Arquivo Mariano Acadêmico*, cujo primeiro tomo lança em 1924, com estudos seus e dos membros do Círculo Católico de Estudos da Mocidade Acadêmica e da Congregação Mariana Acadêmica. Aí aparecem os ensaios iniciais de Herbert Parentes Fortes, ainda estudante de Medicina, em estudos de imprevista documentação, (1) "Transformismo. Lingüística e Léxico", (2) "Apostilas ao Dicionário de Cândido de Figueiredo". (3) "Estudos e Reflexões sobre a Língua Portuguesa" e "Verdade do Sentimento Religioso estudado na utilidade do mesmo". Nesses trabalhos e nas conversas do "cinema", já Herbert exprimia sua posição em favor da "língua brasileira", que viria a ser apoiada por Edgard Sanches e combatida por Luís Viana Filho na Constituinte de 1934. Nessas páginas, já se identificam os traços do temperamento vigoroso, extrovertido, combativo do futuro partidário da Ação Integralista, alimentado pela profundidade das convicções religiosas. Anísio Teixeira ocupa, nesse tomo do *Arquivo* 28 páginas, com um ensaio sobre "Influência dos Jesuítas", relatando seus primeiros encontros com a Cia. de Jesus em Caitité até o ano de 1919, analisando o antijesuitismo em países da Europa e seu ensino e presença espiritual em Portugal e no resto do mundo; condena culpar-se os jesuítas do estado de decadência da inteligência, argumentando com exame do pensamento na Europa do Renascimento; ocupa-se da ascética, da hermenêutica sagrada, da teologia especulativa e moral, da filosofia, das matemáticas e das ciências naturais desenvolvidas pelos inácnos e conclui considerando a influência pedagógica, missionária, civilizadora e o segredo do antijesuí

tismo particularmente em Portugal, com o Marquês. É uma apologia sem reservas.

Em uma análise das idéias no Brasil, em Machado de Assis, em Álvares de Azevedo, em Ronald de Carvalho, depois de referir-se a Gonçalves Dias, a Casimiro de Abreu, a Castro Alves, define-se aí pelo catolicismo como "verdadeiro e necessário para a salvação da sociedade contemporânea" com Maurras, após rejeitar posições nacionalistas de Maurice Barrès. Apela para Rui, atribuindo-lhe acerto em caracterizar o inconveniente dissídio entre Deus e a sociedade. Coloca-se para além da estética de Graça Aranha, ao lado de Renato de Almeida, no livro corajoso deste escritor baiano sobre o momento intelectual brasileiro. Termina, aludindo a Nestor Vitor e a Oliveira Viana, afirmando que "o Catolicismo in forma profundamente o nosso país" e proclamando: "E dentro dele é que se vai erguer 'gerada em nossa carne e fruto de nosso sangue' a civilização latino-americana". Já Diretor Geral da Instrução Pública do Estado e presidente do C.C.E.M.A., discorre em 1924, em "A Sombra do Catolicismo", em torno do papel do catolicismo no Brasil, mais uma vez mostrando-se um culto leitor dos pensadores e homens de letras brasileiros, franceses: aí desfilam, entre muitos, Graça Aranha, Renato Almeida, Ronald de Carvalho e Maurras, Barrès, De Maistre, Renan, Voltaire, convicto de que "o afastamento de Deus é a desagregação lenta e irremediável do homem". Em "Acies Ordinata", tomando como lema "palavras dos Cantares, dirigidias à Sulamita trigueira e bela e aplicadas pela Igreja a Maria", volta Anísio em 1925 a debater as correntes de pensamento, especialmente na França de após a 1ª Guerra Européia, fazendo um retrospecto

to à Revolução francesa, a Montesquieu, a Voltaire, a Rousseau, ao espírito científico do século XIX, concluindo a proclamar veemente: "*Castro num acies ordinata* - como um exército em ordem de batalha - se jamos pela vigorosa liberdade e sadio equilíbrio do nosso espírito, os obedientes e bravos cavaleiros da ordem brasileira. Submetidos à terra brasileira, submetidos à raça brasileira, havemos de erguer livre e forte a serena civilização brasileira".

Em 1926, continuando Diretor da Instrução e tomando como tema sua anterior análise da "verdadeira marcha ascensional do racionalismo para um tal ou qual espiritualismo, do qual se devia logicamente chegar até à religião" em Renan, Barrês e Maurras, pensadores cuja escolha parece dar indícios de suas coordenadas intelectuais e políticas àquela época, Anísio disserta sobre a conversão de Jacques Rivière por Paul Claudel e seu trabalho na *Nouvelle Revue Française*; aí volta a Peguy, a Claudel, terminando por proclamar a "reabilitação espiritual" da ocasião e de novo exalta a ação do Pe. Cabral no Brasil. Esse material, desconhecido dos que iniciaram a análise do pensamento de Anísio, é indispensável para o acompanhamento de sua evolução intelectual e espiritual. Àquela altura, Anísio não havia ainda ido aos E.U.; de volta da viagem a esse país, impressionado com as idéias filosóficas de John Dewey que afetavam suas convicções religiosas, do encontro com o Pe. Cabral - lembro-me bem do episódio -, veio a ser o autor do manifesto que se lançou na Bahia cerca de 1928, contra a política anticlerical do presidente Plutarco Elias Calles, no México.

E por falar no pragmatismo que inspira o progressismo liberal de Dewey, a que Anísio deu sua adesão intelectual, a inspirar sua mística da educação e do serviço público, ocorre-me a hipótese, a merecer talvez exame, de que seria a culminância de idéias e inclinações que o atraíram, naqueles primeiros trabalhos, em certas correntes do pensamento francês, nos quais se completam razão e liberdade, destacando um voluntarismo de que teria encontrado traços na sistemática da ação apologética e ascética de Loyola. Fica aí a sugestão para quem se der ao labor, ainda necessário, de encadear trechos dispersos da história intelectual deste alto espírito que foi Anísio, procurando, entre outros temas, verificar e discernir sua posição no processo de transição, para os brasileiros, entre o pensamento francês, a ordem, o ritmo, a elegância da cultura francesa, e a presença norte-americana nas letras, nas ciências, na tecnologia, desde as duas guerras mundiais.

Outros nomes de acadêmicos de então aparecem nas páginas que estamos percorrendo. Luís Ribeiro de Sena, estudante de Medicina, faz uma sentida e inteligente dissertação, no Círculo, sobre Dante Alighieri, mostrando a beleza poética da "*Vita Nuova*"; Otacílio de Carvalho Lopes, já fascinado pelo simbolismo das cores e dos sons, que se vem a expressar na tese de doutoramento em Medicina (1927) sobre a surdez de Bethoven, escreve sobre "Verde-Esperança", analisa Pethion de Vilar como humorista; discorre sobre educação, cinema, imprensa e sobre a atuação do Pe. Camilo Torrend na difusão do livro e das "boas leituras"; ocupa-se das congregações marianas e das vocações sacerdotais, também a revelar-

se um íntimo dos homens de letras. "Da influência do Cristianismo sobre a arte" vem ser objeto de reflexões de outro aspirante à carreira médica, Guilherme de Azevedo Ribeiro. O futuro bacharel em Direito Felipe de Freitas ocupa-se da Pedagogia; Joaquim Araújo Lima, da Engenharia, fala sobre Economia; como outros, sobre Agronomia, Caixas rurais, Odontologia; contestando o Darwinismo, coloca-se o doutorando em Medicina José Monteiro Sampaio, do Maranhão, da mesma maneira como enaltece o Ceará e sua gente o cearense João Batista Saraiva Leão, igualmente da Medicina; baseando-se na leitura de diversos repórteres e pensadores, Thales de Azevedo, também da Medicina, contesta o bolchevismo; em 1927, já doutorando, lê no Círculo sobre "A Medicina entre os Selvagens do Brasil", frutos de leituras na biblioteca de Frederico Edelweiss, em sessão com a presença de Teodoro Sampaio que a seguir ali ensina a respeito de "Indianologia e Toponímia", o farmacólogo Berilo Neves, que depois se destacaria como cronista social, ocupa-se de "Infecção e Imunidade", enquanto o engenheiro Antonio d'Araújo e Aragão Bulcão prenuncia o futuro genealogista. Do periódico baiano *Mensageiro da Fé*, transcreve o Arquivo o artigo "O feminismo e o lar", da poetisa Amélia Rodrigues; nas páginas desse desaparecido quinzenário franciscano da Bahia aparece também poesia de Cabral.

Todo esse labor repercute na imprensa diária e religiosa lusa, francesa e brasileira e nesta com artigos de Artur Ramos, Benedito Cardoso, Leal de Macedo, Antenor Nascentes, este aplaudindo

Herbert Fortes.<sup>1</sup> Chiacchio é um dos que na Bahia festejam a poesia do Pe. Cabral em crônica n'*A Tarde*, de 1942, e ao inaugurar-se no Colégio A. Vieira placa em memória do fervoroso e culto sacerdote. O tempo em que se exerce o movimento que estamos recordando começa durante a I Grande Guerra e segue com a efervescência de Idéias que então se desentendiam com a vitória dos Aliados; compreende-se assim a forte marca do espírito francês, que se evidencia nas alocações aqui indicadas. É contemporâneo da presença intelectual, na Bahia, de Altamirano do Requião, de Rafael Spinola, de Almachio Diniz, de Henrique Cância, de Simões Filho, de Aloisio de Carvalho e Aloisio Filho, os quais, por sua vez, sucediam ao grupo da revista litero-científica *Ad Lucem*, publicando inéditos e trabalhando pela "renas-

- 1) O 29 vol. do *Arquivo* abre com a nota "O nosso primeiro volume", noticiando que o *Diário da Assembléia*, da Bahia, de 12 de julho de 1922, transcrevera o requerimento do Pe. Cabral à mesa do Senado estadual pleiteando ajuda do Estado para a publicação anual, às custas do Governo, dos trabalhos do Círculo e que, em vista da apresentação desse pedido por intermédio do senador Eduardo Gomes Ferreira Veloso e convertido em Projeto, fora aprovado e sancionado pelo governador José Joaquim Seabra, vindo a constar do orçamento de 1923. Nas páginas de "Juízos da Imprensa" registra: Uma obra da Religião e de valor (Editorial do *Diário de Notícias*); A obra católica da mocidade (de Artur Ramos, no *Diário da Bahia*); Espírito de moços (de Benedito Cardoso, no *Diário da Bahia*); Plumas (de J.M. Leal de Macedo, na *Família*); Arquivo Mariano Acadêmico (da Redação dos *Legionários das Missões*); Congregação Maria na Acadêmica (de Soares de Azevedo, nas *Vozes de Petrópolis*); Arquivo Mariano Acadêmico (da Redação da *Civiltá Cattolica*); Item (de J.A.M., na *Brotéria*); A Congregação Acadêmica da Bahia (da Red. dos *Cahiers de Notre Dame*); *Transformismo*, *Lexicografia e Lingüística* (de Antenor Nascentes, no *Correio da Manhã*).

cença das letras heleno-latinas" a partir de 1903 (a direção era de Armando Barbuda, Benjamin de Araújo Lima, Adolfo Luiz do Rego e José Dias de Moraes; a comissão de Redação de Benedito Pereira, Alvaro Afrânio Peixoto, Julio de Castro, Pereira da Silva e Pedro (Augusto) Melo; os sócios efetivos, Amelio Dias de Moraes, Francisco Xavier Borges, José da Cruz Moreira Filho, José Antonio de Gões Jr., Otávio Gordilho de Castro, Edmundo de Carvalho, Aurino Augusto Pereira): encerrara-se em 16 o ciclo da *Nova Cruzada*, iniciado em 1901, mas continuavam presentes Alfredo Pimentel, Roberto Correia, Antonio Viana, Silva Campos; a Academia dos Rebeldes duraria até quase 30; *Arco e Flexa* surge, com sua revista, em 1928, revelando Pinto de Aguiar, Hélio Simões, Eurico Alves, Carvalho Filho, Jonatas Milhomens e demais; a Academia de Letras, fundada em 17 por Arlindo Fragoso, projetava-se, reunindo vultos como Pinto de Carvalho, Pacífico Pereira, Virgílio de Lemos, Teodoro Sampaio, Xavier Marques, Homero Pires, Gonçalo Moniz, Lemos Brito, Garcês Fróis, Prado Valadares e outros, vários dos quais apoiavam a ação intelectual a que aludimos. Nesta posição estiveram também Ponciano de Oliveira, José Alioni, Agriniano Barros, Deolindo Fróis, Tomas Guerreiro de Castro, Alfredo Magalhães, Gustavo dos Santos, Francisco Calmon du Pin e Almeida, Francisco Marques de Gões Calmon, Bernardo Vasconcelos Quêiroz. Foi aquele o período áureo da Livraria Catilina, editando Rui Barbosa, Carneiro Ribeiro, Clóvis Bevilacqua (seus Catálogos são uma fonte para a história literária baiana e nacional).

O Círculo Católico de Estudos da Mocidade Acadêmica foi o celeiro de notórias vocações para as

letras, o direito, a educação, a medicina, a política, como se verifica em seus Catálogos. Já no declínio da atividade do Círculo, quando a moléstia final fecha o difícil período da direção e construção do novo edifício do Colégio e afastam o Pe. Cabral do púlpito, da tribuna, da orientação dos acadêmicos, em 1936, Carlos Chiacchio, retomando sua brilhante atuação da *Nova Cruzada*, funda a *Ala das Letras e das Artes*, que veio a manter a "Página de Ala" n'0 *Imparcial*. O Grêmio Literário, fundado em 1860, continua ativo até os anos 40 com sua Revista tão importante, que tem nesses últimos tempos a direção de Pethion de Vilar. O registro da atividade desses núcleos culturais importa, como se vê, a compreensão da presença do Pe. Cabral e de seu Círculo.

Além do indicado sobre a ambiência e a repercussão dessa obra, dão idéia da projeção no meio intelectual e literário baiano as palavras de Carlos Chiacchio na cerimônia de inauguração da lápide dedicada ao Pe. Cabral, no Colégio A. Vieira:

"(...) não se iluda ninguém com o alcance dos movimentos de ALA... O que, por exemplo, agora se realiza neste 78º encontro de Ala, é, antes do mais, uma expressão do instinto presente da família luso-brasileira"... "O vulto que elegemos para a oportunidade desta reverência conjunto de amigos, discípulos, admiradores, bem representa um dos fatores máximos, em seus trinta anos de apostolado, desse humanismo político do espírito, que fraterniza portugueses, brasileiros e americanos. Eis aí porque, em meio da campanha pro-mausulêo Castro Alves, aberto esse parêntese, não perdemos o nexo da continuidade afetiva, que nos fuge aos estremeções das ideologias colidentes, da hora, vindo, como vimos, dedicar esta lápide à memória ilustre do Padre irmão de Vieira, no próprio reduto de sua criação transcenden

te da Companhia de Jesus na Bahia. Queira a ceitar, pois, o Colégio Antonio Vieira, em suas colunas mestras, mais do espírito que da matéria, o marco das homenagens da Ala das Letras e das Artes, com as dos amigos, dos discípulos, dos admiradores do Padre Luiz Gonzaga Cabral. Era este o seu dia mais predileto das festas marianas de cada ano. O 31 de Maio assinalamo-lo. Não é, como estão vendo, um monumento. Nem uma grandeza à sua altura. Absolutamente. É uma singela página de mármore, símbolo de justiça, gratidão e louvor ao missionário herói da ação, do pensamento, do verbo, da pena" (A Tarde, 3 de junho de 1942).

É no julgamento da obra literária, especialmente a poesia, que Chiacchio se expressa com maior ênfase e admiração. Vale a pena de ler o que escreveu a quando do lançamento do volume de *Inéditos e Dispersos*, postumamente, contendo produções daquele gênero:

"Os versos de Gonzaga Cabral revelam o homem de inteligência e de sensibilidade aprimoradas. O artista, enfim. Cinzelador de gemas da língua em que cantou Julio Diniz, o estro se lhe enquadra em ritmos naturais como o balanço dos ramos. Caem-lhe as rimas como flores sacudidas pelo vento. Um sentido místico de alegria em Deus leva-o a todas as expansões de júbilos espirituais. Mesmo quando a nostalgia dos céus patricios lhe fere os íntimos sentidos da inspiração, a poesia não lhe veste os tons da revolta, de rancor, de maldição. Sai-lhe em módulos sugestivos de ternura, apenas contrariada, apenas ressentida, em lamentos de defesa. Tal a poesia do desterrado e peregrino por terras de Espanha, primeira parte de *Inéditos e Dispersos*. Nessa altura, sobressai o poema 'Os sinos de Alseberg', digno das antologias do gênero. Na segunda parte da obra, precisamente a que recorda a perseguição religiosa que sofreu o padre-poeta, em 1910, há, com a força nativa do sentimento pátrio português, uns momentos mais vivos de reação cerebral, nos 'Votos ilícitos', respeitante ao decreto do ministro Waldeck-Rousseau".

Avaliando a poesia em si mesma e no que traduz do caráter do autor, Chiacchio prossegue:

"A poesia de Gonzaga Cabral embebe-se antes de amor que de protesto. Toda ela é macia e mansa como a própria macieira e mansidão. Ai não tardem os versos mágicos do 'Pátio da Amendoeira'. Que linda. Que fina. Que saudável. 'Pátio da Amendoeira' como 'Os sinos de Alseberg' são dois poemas que fazem a glória de um poeta. Não somente nisso, porém, reside o valor peregrino do celebrado mestre de gerações baianas. A musa do sainete sutil, sem mácula, sempre cheia de vibrações morais, brinca-lhe, às vezes, em tropos faiscantes de verve amiga. Por exemplo, neste 'Alcunhas' (...)"

"Era um nome o grande pregador. A várias luzes. E como poeta era uma sensibilidade rica de motivos, todos banhados dessa luz suave de bondade, de ternura e de pureza. Ai está a coleção póstuma do *Inéditos e Dispersos*, que no-lo mostra em estado de graça espiritual exuberante". (A Tarde, 5 de julho de 1939).

Da integração do Pe. Cabral com o Brasil e as suas instituições, em especial o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, há testemunhos em toda a sua obra escrita entre nós. A esse respeito, destaca-se a dedicatória do 3º volume do *Inéditos e Dispersos* (em 1925), reeditando *Jesuítas no Brasil* (Cia. Melhoramentos, São Paulo, 1925), em que expressa a adoção dessa sua segunda pátria:

"A Nação brasileira, minha segunda pátria, cuja nobre hospitalidade acolheu carinhosamente os jesuítas portugueses na hora da tribulação, estas páginas onde se arquivam memórias do que os filhos da Companhia de Jesus realizaram outrora na colonização do Brasil, o autor, português pelo berço, jesuíta por vocação, brasileiro pelo afeto e pelo reconhecimento, O.D.C."

Descobrimo e encorajando talentos, como vimos em relação a vários nomes, - o principal dos quais

Anísio - o Pe. Cabral teve um papel crucial na carreira literária de Jorge Amado. No livro autobiográfico *O menino grapiúna*, (Edit. Record, 1981) o escritor conta, a propósito de sua fuga do Colégio Antonio Vieira, muito menino:

"No colégio dos jesuítas, pela mão herética do padre Cabral, encontrei nas 'viagens de Gulliver' os caminhos da libertação, os livros abriram-me as portas da cadeia. A heresia do padre Cabral era extremamente limitada, nada tinha a ver com os dogmas da religião."

E mostra como o mestre da língua portuguesa era original no ensino e na orientação dos alunos:

"Herege apenas no que se referia aos métodos de ensino da língua portuguesa, em uso naquela época, ainda assim essa pequena rebelião revelou-se positiva e criadora".

Dois ordens de resultado teve a direção dada pelo padre: um primeiro impulso à liberdade de "pensar pela própria cabeça", pelo que pagaria um alto preço, alvo que sou do patrulhamento de todas as ideologias, de todos os radicalismos ortodoxos" e a abertura para as leituras que lhe enriqueceriam o espírito. De como isso se operou sob aquela influência, fala em um dos capítulos do livro:

"Dos estreitos limites do internato, fui salvo pelo mar - o mar de Ilhéus, a praia do Pontal, as marés mansas e a tempestade. Aplaudido orador sacro, o padre Luiz Gonzaga Cabral era a grande estrela do colégio, a sociedade baiana vinha em peso ouvir seu sermão dominical. Brilhava também no Liceu Literário Português (referia-se ao Gabinete Português de Leitura, T.A.) nas comemorações de datas lusitanas. Tendo adoecido o nosso professor de português, padre Faria, ele o substituiu. Seus métodos de ensino nada tinham de ortodoxos.

Em lugar de nos fazer analisar 'Os Lusíadas', tentando descobrir o sujeito oculto e dividir

as orações, reduzindo o poema a complicado texto para as análises gramaticais, fazendo-nos odiar Camões, o padre Cabral, para seu deleite e nosso encantamento, declamava para os alunos episódios da epopéia. Apesar do sotaque de além-mar, a força do verso nos tomava e possuía. Lia-nos igualmente a prosa de Garrett, a de Herculano, cenas de frei Luiz de Souza, trechos de 'Lendas e Narrativas'. Patriota, desejava sem dúvida nos fazer conscientes da grandeza de Portugal, o Portugal das descobertas e dos clássicos. Obtinha bem mais do que isso: despertava nossa sensibilidade, retirando-nos do poço da gramática portuguesa (cujas rígidas regras nada tinham a ver com a língua falada pelo povo brasileiro) para a sedução da literatura, das palavras vivas e autênticas. As aulas de português adquiriram outra dimensão".

Dali à descoberta do escritor um inesperado salto:

"O primeiro dever passado pelo novo professor de português foi uma descrição tendo o mar como tema. A classe se inspirou, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados, o episódio do Adamastor foi reescrito pela meninada. Prisioneiro no internato, eu vivia na saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. O mar de Ilhéus foi o tema de minha descrição. Padre Cabral levava os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou, que o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar onze anos".

A trajetória da carreira entrevista começa a desenhar-se. É o próprio Jorge quem o mostra nas linhas a seguir de *O menino grapiúna*:

"Passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio, ao lado dos futebolistas, dos campeões de matemática e de religião,

dos que obtinham medalhas. Fui admitido numa espécie de Círculo Literário onde brilhavam alunos mais velhos. Nem assim deixei de me sentir prisioneiro, sensação permanente durante os dois anos em que estudei no colégio dos jesuítas.

Houve, porém, uma sensível mudança na limitação da vida do aluno interno: o padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro 'As Viagens de Gulliver', depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses. Data dessa época minha paixão por Charles Dickens. Demoraria ainda a conhecer Mark Twain, o norte-americano não figurava entre os prediletos do padre Cabral".

O futuro escritor conclui seu relato com palavras de reconhecimento ao descobridor de seu talento e de suas virtualidades:

"Recordo com carinho a figura do jesuíta português erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária".

Nessas páginas, Jorge Amado traça, antes de sua gratidão, um dos traços melhores do perfil intelectual do Pe. Cabral.

#### PORTUGUESES NA BAHIA E A REPÚBLICA EM PORTUGAL (1910)

Não pode esta nota encerrar-se alheia ao episódio da nova instalação dos filhos de Loyola em terras da Bahia. Como disse, aportaram eles à nossa cidade a começos de fevereiro de 1911, dando lugar a

que o prestigioso *Diário de Notícias* lançasse, no alto da 1.<sup>a</sup> página da edição de 11 daquele mês, um editorial intitulado "Os Jesuítas na Bahia. Com vistas ao ministro do Interior". Os redatores do jornal declaram-se não anticlericais, "sectários, vencidos e intransigentes, da liberdade de cultos tal qual a quer e garante nossa Constituição", elogiam o clero baiano e as virtudes dos padres Fiuza, Machado, Campos e Cortes e afirmam: "Nossa atenção volve-se hoje para uma leva de padres jesuítas que, aqui chegando expulsos de Portugal, estão alojados no convento de S. Antonio da Barra, onde foram fidalgamente recebidos, revelando nos trajés e no conforto principesco que os cerca o contraste desmentidor da penúria de que eles sagazmente se queixam". O *Diário* estranha que o Sr. Arcebispo d. Jerônimo Tomé da Silva os acolhesse, "independente da prévia, acurada e rigorosa investigação sobre seus precedentes", referindo acusações, contra os mesmos, de republicanos e monarquistas portugueses. E prossegue: "Reputamos grande escândalo e satisfação dos favores por eles pretendidos para um colégio que aqui desejam fundar, amparados nas mercês do 'Colégio Anchieta', do Rio, que lhes empresta o título de filial, segundo eles propalam, como meio de mais facilmente fugirem às exigências legais. Fazem-se continuação do Colégio de Friburgo, a cuja sombra pretendem no Brasil favores homens sobre cujos nomes pesam graves acusações comprovadas...". Na verdade, o arcebispo havia concordado com essa vinda, quando, em 1906, o visitara o Pe. José Dias Silveiras S. J., enviado pela direção da Companhia de Jesus em Lisboa para consultar sobre o assun-

to.<sup>2</sup> O Colégio de Friburgo é aquele em que, anos a p<sup>o</sup>s, Ruy Barbosa faria a extraordinária "Oração aos moços", retornando ao catolicismo depois da ruidosa repercussão de seu prefácio a *O Papa e o Concílio*, de Doelinger, "em colóquio de irmãos, ou junto dos mesmos altares, sob os mesmos campanários, elevando ao Criador as mesmas orações, e professando o mesmo credo".

Na edição do dia 13, publica ainda o D.N. a nota "Frades caricatos", em que ironiza um franciscano estrangeiro que, do púlpito da igreja de S. Francisco, teria criticado o editorial. A este retruca, também a 13, alguém que assina *Custos*, em 2 colunas do *Jornal de Notícias*, procurando mostrar a inconsistência das insinuações do *Diário*.<sup>3</sup>

A posição do D.N. contribui para a repercussão que desencadeia no Brasil e muito acentuadamente na Bahia a revolução republicana portuguesa de 5 de outubro de 1910, uma de cujas primeiras decisões fora a expulsão das congregações religiosas, notadamente a dos jesuítas, mesmo portugueses. A história e crítica da expulsão é feita pelos jesuítas, imediatamente, em várias publicações.<sup>4</sup> Não tarda a surgir quem

- 2) Assim informa o Pe. Josep F. Foulquier S.J., *Jesuítas do Norte*, 2.<sup>a</sup> entrada da Cia de Jesus, 1911-1940, Bahia, 1940, Livraria Duas Americas (Foulquier é professor no Colégio A. Vieira em 1916).
- 3) Foulquier atribui essa resposta a Mons. Flaviano Osório Pimentel (*op. cit.*, p. 48).
- 4) Pe. Luiz Gonzaga Cabral S.J., "La voce delle vittime" carta datada de 3 dez. 1910, *Civiltà Cattolica*, Roma 1919; — *Ao meu país*. Protesto justificativo a propósito da expulsão dos meus religiosos. Madrid, 1910, Estabelecimento Tipografico de Fortanet. Impresor de la Real Academia de la História; Pe. Luiz Gonzaga de Azevedo S.J., *Proscritos*. Notícias circunstanciadas do que passaram os religiosos da Companhia de Jesus na revolução de Portugal em 1910. Prefácio do R.P.L. Gonzaga Cabral, S.J., Vallodoli 1911, Florencio de Lara Editor.

apóio o D.N.: a 20 começa a publicação ineditorial, paga pois, no mesmo cotidiano, de uma série de 34 artigos em que *Ecclesiasticus*, supostamente uma pessoa chamada Matatias, sob o título permanente de "Os Jesuítas" e a epígrafe *Si cum Jesu itis, non cum jesuitis* (Se quiserdes andar com Jesus, não (an)deis) com os jesuítas, apud Paulo Rônai, *Não perca o seu Latim*. Rio, 1980, Editora Nova Fronteira). Lança violentos ataques contra a Cia. de Jesus em geral, reeditando antigas e conhecidas acusações; prolonga-se a 18 de abril.<sup>5</sup> Pelas páginas do *Jornal de Notícias*, tomam a defesa dos inacianos *Custos*, *Laicus* e *Pedro Ermitão*, que se revesam até 31 de março; *Custos* identifica seu opositor como pastor protestante, sem lhe indicar o nome. A 3 daquele mês, o D.N. publicara, igualmente ineditorial, a nota "Os Jesuítas. Religião e Ciência", com citações contra os jesuítas, de Schopenhauer, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Montesquieu, Giraud, de uma Iracy, e um "calembour" de Guerra Junqueiro, em verso, tudo sob a assinatura de "Lutero". A esse propósito, *Custos* conclui seu artigo do dia 6:

"Terminando, anunciamos a grande aceitação do Colégio dos Jesuítas, em que pese o embargo de *Ecclesiasticus*, cuja prática quaresmal até agora operou a sã conversão de 'Lutero', não logrando sequer a solidariedade de um Calvino". Quer dizer, os

- 5) *Ecclesiasticus*, dizendo ver riscos para o Brasil, como a propaganda contra o casamento civil, propõe "uma campanha sem tréguas, infatigável, invencível contra o jesuíta, contra o frade estrangeiro, que veio para cavar a vala comum, onde serão sepultadas as nossas liberdades, a nossa honra e o ruturo dos nossos filhos. Ainda é tempo de salvar a Bahia".

ataques, por numerosos e recheados de denúncias, não encontravam eco. Mas contribuíam para a exaltação sobre o episódio os editoriais e artigos de Alexandre Herculano, Bittencourt Rodrigues, José de Azevedo Castelo Branco, João Lage e alguns mais, transcritos de jornais lusitanos, particularmente *O Mundo*, apaixonadamente contrário aos jesuítas; do *Jornal do Comércio e d'O País* do Rio; do *Christian World*, com posições diferentes. Publicavam-se também as novas leis portuguesas, como a de separação entre Estado e Igreja, a do destino dos bens das congregações religiosas, a bandeira, a estrutura judiciária, além de manifestos do Governo e do diretório do Partido Republicano Português sobre essa e outras matérias. Isto dá lugar a que o nosso Virgílio Damazio publique longo estudo, "A propósito da Constituição Republicana de Portugal", no D.N. de 28 de março de 1912, em que compara a organização judiciária da antiga metrópole com a brasileira, lamentando que esta estabeleça a dualidade de órgãos, federais e estaduais, ao contrário daquela.

Uma indagação mais ampla verificaria se outra cidade brasileira respondeu com tanto vigor aos acontecimentos de outubro de 1910, em Portugal, quanto a Cidade do Salvador. Na verdade, a Bahia era um centro de influência portuguesa de inegável importância. Basta notar que a presença lusitana entre nós, talvez pelo número de pessoas, mas sobretudo pela influência de instituições daquela inspiração e origem, era realmente bastante forte. Funcionavam, desde meados do século anterior (1859) a Real Sociedade Portuguesa de Beneficência, com seus serviços de atendimento médico e assistencial e seu hospital; o Gabinete Português de Leitura (de 1863), cujo novo edifício, custoso e belo em sua arquitetura

manuelina, viria a ser inaugurado em 1918, em cerimônia cuja orador oficial seria justamente o jesuíta aqui focalizado. Havia também, ativo e entusiasta, o Grêmio Republicano Português, de presença saliente e persistente no episódio. O alto comércio era assinalado pela força e, quase diria, hegemonia de firmas portuguesas ou de brasileiros associados a portugueses, que competiam com vantagem com as de ingleses, espanhóis, alemães. O mesmo se verificava nas Irmandades católicas: numa e noutras entidades tinham como consócios e até como patrocinadores influentes membros da comunidade, dos quadros profissionais, das escolas superiores, da grande agricultura, do comércio.<sup>6</sup>

A opinião portuguesa deveria ter uma marcada influência no meio, dado que os jornais de maior prestígio, órgãos de diversificadas correntes e partidos políticos, ofereciam ao noticiário de Lisboa um espaço não igualado pelo de outras procedências, a não ser do Rio, em telegramas, principalmente. Desde alguns anos, o *Diário de Notícias* publicava, a breves intervalos, extensíssimos artigos do jornalista lisboeta Augusto de Castro,<sup>7</sup> sobre mínimos detalhes da vida portuguesa, de política, diplomacia, letras,

6) Cfr. Mario Augusto da Silva Santos, *Comércio Português na Bahia/1870-1930*. Centenário de Manoel Joaquim de Carvalho & Cia, Ltda, Bahia, 1977.

7) Em outubro de 1967, quando pronunciava uma série de nove palestras sobre a sociedade e a cultura brasileiras no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política de Ultramar, a convite de seu Presidente, Prof. Adriano Moreira, fui, na companhia de Oto Lara Resende, então Adido Cultural à Embaixada do Brasil, assistir à noite de Gilberto Freyre na *Academia de Ciências de Lisboa*, saudado pelo jornalista A. de Castro.

acontecimentos sociais, até policiais, sob o título de, umas vezes, "Notícias", outras, de "Crônicas de Portugal". E do Porto recebia, com certa constância, correspondência assinada por Gemini. Também mantinha a coluna "Ler e Escrever", de Cândido Figueiredo, sobre questões de linguagem nos dois países, em que às vezes intervinha o nosso Francelino de Andrade. De outro lado, o *Jornal de Notícias* oferecia a seus leitores, com idêntica regularidade, outro tanto de notícias e comentários, por Abel Botelho, o jornalista e romancista. A opinião pública não se poderia furtar, assim, à influência da antiga metrópole. Uma evidência disto é a preferência das gazetas pelas correntes políticas que se batiam em Lisboa, revelando-se no estilo de tratamento das matérias e na veiculação do pensamento de políticos e escritores. O D.N., por exemplo, dois dias depois da derrubada da monarquia em Lisboa, lançava um editorial, com grande destaque, na 1ª página de sua edição de 7 de outubro, sob o significativo título de "Um Reino que se esboroa", pondo em dúvida o sucesso do evento e as incertas perspectivas do novo regime para o povo português. Esse cotidiano veio a ser o veículo preferido dos republicanos, fazendo transcrições de periódicos portugueses como a *Gazeta da Figueira*, *O Dia*, *A Liberdade Popular* e o *Diário do Governo*, além dos anteriormente mencionados, dessa maneira difundindo também material de caráter anticlerical. Todavia, publicara a 12 de outubro o "discurso da coroa", pronunciado pelo rei d. Manuel II dias antes de ser deposto. Nos jornais da Bahia transcrevem-se longos artigos de Bittencourt Rodrigues e de J. Azevedo C. Branco, discutindo exaltadamente o regime anterior e a república, a tal ponto

que um dos escritos do último ocupa toda uma página, em sete colunas, do *Jornal de Notícias* de 26.IV.1911.

A colônia, por seu turno, dividia-se politicamente de modo aberto e visível, uma parte se expressando pelo Grêmio Republicano,<sup>8</sup> outra declarando-se abertamente monarquista: enquanto aquele manifestava-se exaltadamente a favor da nova situação, o grupo constituído pelos comerciantes mais fortes confessava-se adepto e saudosos da coroa deposta, assim por ocasião do atentado em que, no Terreiro do Paço, foram assassinados o rei d. Carlos e o príncipe Luís Felipe; este grupo promoveu na Bahia, a 1 de fevereiro de 1911, solenes sufrágios por aqueles antigos governantes, convidando, "por delegação de grande número de compatriotas", a Colônia Portuguesa, as autoridades e funcionários da União, do Estado, do Município e da Imprensa "e mais pessoas estranhas à colônia" que quisessem "prestar-lhe, desse modo, piedoso conforto de solidariedade e simpatia".<sup>9</sup> Os jornais registraram no dia imediato a comparencia de numerosíssimas pessoas dos meios a que aludia o convite (ver *Diário de Notícias*, 1 fev. de 1911).

8) Presidido em 1910 por Antonio Manso, possivelmente da firma A. Manso & Cia.; outros nomes, Manoel Sampaio, José de Oliveira Costa.

9) Assinaram o convite Manoel José Bastos, Francisco José Rodrigues Pedreira, Bernardo Martins Catariño, José Joaquim Fernandes Dias, José da Nova Monteiro, José Antonio Soares, Augusto Pinho, Alfredo Cardoso da Mota e Silva, José Maria de Souza Teixeira, Francisco Paes Vieira, Antonio Lopes Figueira, Domingos Valente de Aguiar; sobre as posições dos sinatários no comércio baiano, ver Silva Santos, *op. cit.*, *passim*.

Não admira que a instauração da república em Portugal, a 5 de outubro de 1910, tivesse um eco tão intenso entre nós. Imagine-se que o aplaudido e querido Lulú Parola dedica nada menos de doze de seus interessantes poemas ao episódio: a 4, antes daquele movimento, escreve sobre a conversa do rei d. Manuel com o nosso Marechal Hermes, em visita àquele país, então eleito presidente de nossa república. Mas logo a 5 registra os telegramas do dia:

"E mal sabia eu ontem tratando  
Da conversa do rei com o marechal  
Que já estavam na rua manobrando  
Para extinguir o trono em Portugal".

Noutros versos, dias adiante, divulga chistoso, "a propósito da república em Portugal e da ambição das nações fortes", dizendo:

"Podem minhas idéias ser errôneas...  
Sou, no Brasil, republicano... hermista;  
Em Portugal, porém, sou monarquista.  
Porque? Talvez por causa das colônias!...

E se estende sobre a confusão dos telegramas a respeito, o paradeiro do monarca deposto, o primeiro mês do novo regime e aproveita para relacionar o fato com a ruína do edifício da Alfândega, na Bahia.

Explodem manifestações de apoio aos novos governantes, especialmente quanto à expulsão das congregações religiosas e a propósito da medida do presidente Nilo Peçanha, proibindo o desembarque no Brasil dos religiosos expulsos. A Liga Anti-Clerical promove reuniões de seus associados, a fim de

tratar sobre "os meios que deverão ser postos em ação para evitar a invasão do clero estrangeiro no Brasil".<sup>10</sup> Estudantes das Escolas Superiores realizam reuniões e passeatas no mesmo sentido, apedrejando o convento de São Francisco e dirigindo-se em telegramas às autoridades brasileiras. Nessas manifestações, assumem destaque o bacharelando Isaias de Almeida, Perilo Benjamim, o prof. Luís Pinto de Carvalho;<sup>11</sup> aquele propõe que se faça homenagem ao estadista francês George Clemenceau, que deveria passar pelo nosso porto dali a dias, resultando ser ele, Isaias, escolhido para orador.

Os meios católicos reagem com declarações e te

- 10) A reunião de 16 de outubro de 1910, para aquele objetivo convocada, é presidida pelo Major Benvenuto Carneiro, tendo como secretários Elisio José de Medeiros e Américo Chamusca. Pronuncia-se o dr. Deraldo Dias, propondo uma comissão para redigir mensagem ao Congresso Nacional, pedindo a criação de lei proibindo entrada no país de frades e freiras, "visto como nenhum proveito trazem para o Brasil tais indivíduos"; foram escolhidos dr. Glicério Veloso, Deraldo Dias, João Pedro de Barros, major Benvenuto e A. Chamusca. O orador propôs também se telegrafasse, comunicando a posição da Liga, aos presidentes Teófilo Braga e Nilo Peçanha.
- 11) Outros nomes: Arquimedes Pessoa da Silva, Erasmo Lima, Antonio Lemos, Severo do Bomfim, Jaime Guimarães, Eurico do Amaral, Adolfo Paes Barreto, Elpidio Veiga, Felinto Melo, Jaime Vilas Boas, Lustosa de Freitas, cfr. A Bahia e Gazeta do Povo, ambos de 14.10.910. Teria participado dessas manifestações o acadêmico de Direito Jackson de Figueiredo, cujo nome não é mencionado naquelas notícias mas de que haveria probabilidade, segundo José Silvério Leite Fontes, na sua tese de concurso à cadeira de História do Brasil, do Curso Ginásial do Instituto de Educação Rui Barbosa, Aracaju, Jackson de Figueiredo - Sentido de sua obra. 1952 Aracaju. pág. 27.

Telegramas do arcebispo d. Jerônimo Tomé da Silva, do Centro Católico, da Liga das Senhoras Baianas<sup>12</sup> ao Governo federal contra as restrições à entrada no Brasil dos jesuítas e outros religiosos. No ano seguinte, em reunião do Instituto Geográfico e Histórico, o Cons. Felinto Bastos, membro da diretoria dessa entidade, profliga a República portuguesa por suas medidas anti-religiosas inspiradas ainda em Pombal e Aguiar (reunião de 3.V.1911).

Estranhando a adesão de brasileiros ao anticlericalismo dos republicanos de Lisboa e apontando esse movimento como intolerante, a ponto de haver sido maltratada na capital lusitana um freira brasileira, em plena rua, Ubaldo Osório escreve, de Itaparica, a 15 de outubro (cfr. D.N. dessa data), uma nota também de indignação contra os ditos sucessos. Replica-lhe o Grêmio Republicano Português da Bahia, em notas pagas, sob o título "Fora os frades", a que retruca algumas vezes. Para toda essa agitação contribui a atribuição de anti-republicanismo aos eclesiásticos: numa correspondência de Lisboa dias após a revolução, aludindo ao assassinato do líder republicano dr. Miguel Bombarda, dizia-se que "a indignação era tão grande, que se previu iminente um grave conflito. Os padres suspeitos de jesuitismo eram apupados; em frente do *Portugal*, o diário da reação clerical, o povo soltava brados de cólera" (D.N. 2.XI.1910). Ainda no ano seguinte, já na Bahia os fundadores do Colégio Antonio Vieira, o correspondente Abel Botelho afirma que a conspiração de carã

12) Pela Liga, falam as sras. Amélia Rodrigues, presidente, Maria Luiza Alves, Córdula Ataíde, Maria Elisa Valente Moniz de Aragão (esposa de Pethion de Vilar).

ter monarquista, verificada pela reunião de mais de 600 conspirantes em Tuy, na Espanha, para invadir o país pela fronteira norte, por Traz-os-Montes e pelo Minho, era financiada pelos jesuítas; na correspondência seguinte diz que "essa tremendíssima conspiração", fracassada ante o resultado das eleições para a presidência da República, fora dirigida por um epilético, o militar Paiva Couceiro, um *blagueur*, Álvaro Chagas e um jesuíta, o Pe. Cabral. Em outras suas correspondências, faz o perfil de dois filhos de Pinheiro Chagas e de Paiva Couceiro, atacando-os com ódio, e alude ao jesuíta, sem lhe apontar defeitos ou crimes..., quando muito atribuindo-lhe vagamente a inspiração da conspiração. Não cabe aqui discutir essa imputação, tarefa para um biógrafo. Tais acusações indicam o prestígio de que usufruía em sua pátria o mestre e pregador, o tribuno sacro da Sé de Lisboa, o Provincial da Companhia de Jesus em Portugal, por sua forte personalidade de grande vulto da espiritualidade e da inteligência. O papel que desempenhou no Brasil, a partir da Bahia, o consagra como um dos espíritos mais brilhantes que, a determinado momento, influíram em nossa cultura.

A N E X O

BIBLIOGRAFIA DO PE. LUIZ GONZAGA CABRAL S.J.  
LIVROS E FOLHETOS

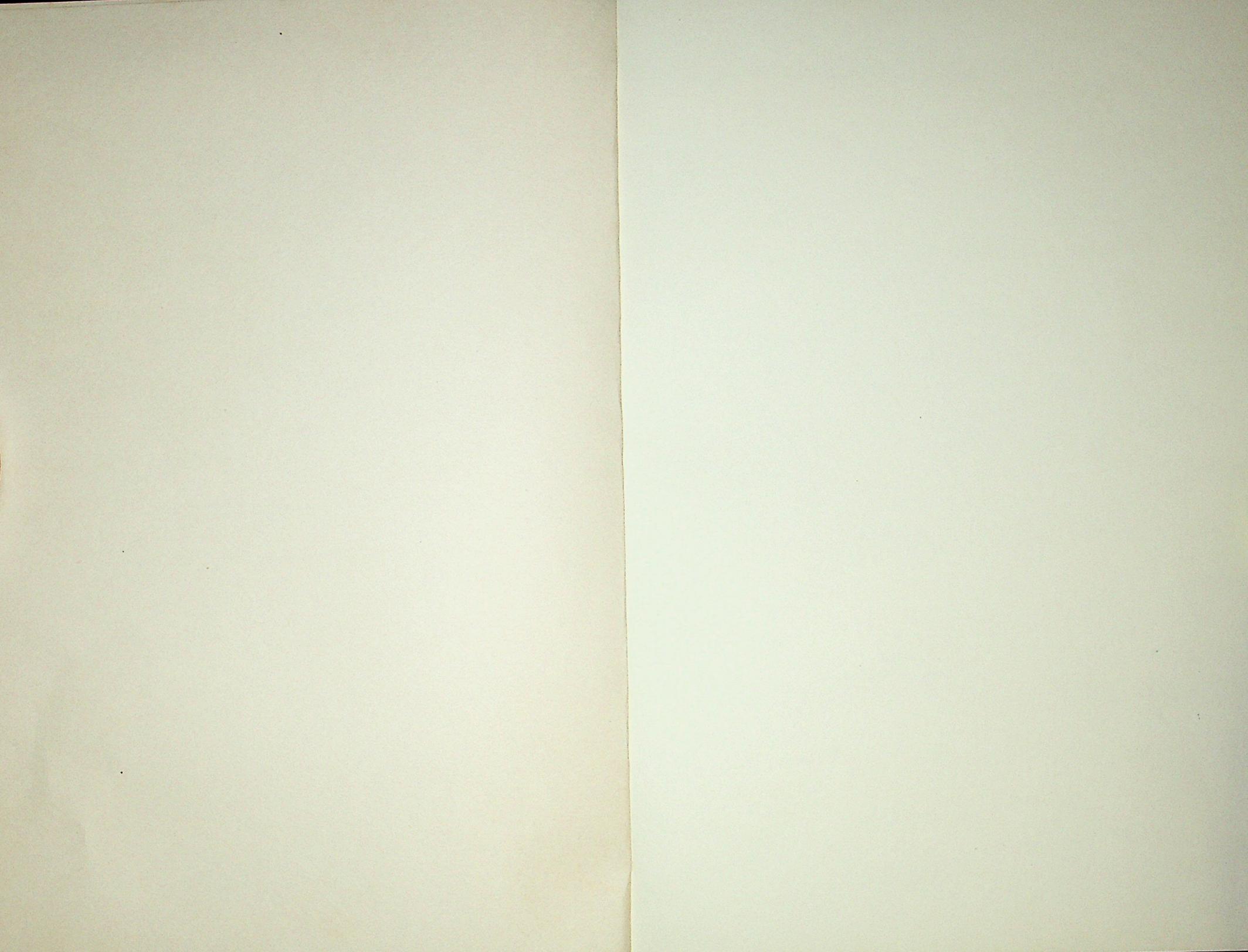
- 1900 *Une grande figure de prêtre, Vieira*. Paris, Retaux - 177 p.
- 1901 *Vieira-pregador: Estudos filosóficos da Eloquência Sagrada segundo a Vida e as Obras do Grande Orador Português*. Porto, José Frutuoso da Fonseca, 2 volumes  
*Vieira-pregador*, II ed., Braga, Livraria Cruz, 2 volumes (Vols. V e VI de *Inéditos e Dispersos*, 1936).
- 1910 *La Voce Delle Vittime, Civiltà Cattolica*, Roma.  
*Ao Meu País*. Protesto Justificativo a Propósito da Expulsão dos Meus Religiosos. Madrid, Estabelecimento Tipográfico de Fortanet. Impressor de la Real Academia de la Historia. Calle de La Libertad, 29 - 21 p.
- 1911 *Ao Meu País*. São Paulo, Duprat - 21 p.
- 1918 *O Livro, A Pátria e A Fé*. Bahia, Dois Mundos - 31 p.
- 1919 *A Voz da Igreja*. Bahia, S. Francisco.
- 1922 *Discursos Acadêmicos*. Braga, Livraria Cruz (Vol. I de *Inéditos e Dispersos*) 311 p.
- 1923 Apresentação de *A Grande Guerra* (Le Combat de la Pureté), P. Hoornaert. Bahia, Livraria N. Senhora Auxiliadora, 1928.

- 1924 *Discurso do Centenário da Independência*. Bahia, Duas Américas - 18 p.  
*Mensagem da Colonia Portuguesa da Bahia aos Intrépidos Navegadores do Ar Gago Coutinho e Sacadura Cabral*. Bahia, Duas Américas - 13 p.  
*Discurso* Lido por Seu Autor, em A Noite de 3 de Julho de 1923, na Sessão Solene do Gabinete Português de Leitura, Como Homenagem da Colonia Portuguesa da Bahia à Data do Centenário da Independência da Bahia, em 2 de Julho de 1823. Bahia, Oficinas da Livr. Duas Américas - 18 p.
- 1925 *Teatro*. Braga. Livraria Cruz (Vol. II de *Inéditos e Dispersos*) - 482 p.  
*Jesuitas no Brasil - Século XVI*. São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo (Vol. III de *Inéditos e Dispersos*) - 276 p.  
Prefácio a *Jesuitas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal, século XVIII*; primeira publicação após 160 anos do manuscrito inédito, José Caeiro S.J. Ed. da Academia Brasileira de Letras. Bahia, Escola Tip. Salesiana, 1936 (o prefácio é dirigido a Afranio Peixoto).
- 1926 *Discurso Inaugural da Estátua de Cristo Redentor em São Cristóvão*. Aracaju - 12 p.
- 1930 *Brasileiros e Portugêses*. Brotéria, Vol. X, fasc. V., Lisboa - 17 p.  
*Discursos Acadêmicos* (II), Braga, Livraria Cruz (Vol. IV de *Inéditos e Dispersos*) - 398 p.

- 1933 *Camões e a Festa da Raça*. Discurso Oficial, pronunciado na sessão solene do Gabinete Português de Leitura da Bahia em a noite de 10 de junho de 1932 - 71 p.
- *Camões e a Festa da Raça*. Bahia, Of. Duas Américas - 68 p.
- 1935 *Cartas de Viagem*. Braga, Livraria Cruz (Vols. VII e VIII de *Inéditos e Dispersos*)
- 1936 *Poesia*. Bahia, Salesiana (Vol. XI de *Inéditos e Dispersos*) - 118 p.
- 1943 *Sermões*. Bahia, Mensageiro da Fé (Vol. XII de *Inéditos e Dispersos*) - 97 p. (publicação póstuma, à exceção do Vol. XII, toda a série de *Inéditos e Dispersos* é organizada e em parte escrita pelo autor enquanto viveu na Bahia.
- s/d. O P. Bento José Rodrigues, da Cia. de Jesus - 80 p.
- Patria e Religião* (P. José de Anchieta) 36 p.







PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAIANO.

116. ALMEIDA, Miguel Calmon Du Pin e. *Memória sobre o estabelecimento d'uma companhia de colonização nesta Província.* ed. fac-similar Salvador, C.E.B., UFBA, 1985. XIII+16.p.
117. BIVAR, Diogo Soares da Silva de. *Princípios gerais ou verdadeiro methodo para se aprender a ler, e a pronunciar com propriedade a língua franceza.* ed. fac-similar Salvador, C.E.B., UFBA, 1985. XII+22p.
118. MATOS, Edilene. *Notícia biográfica do poeta popular Cuíca de Santo Amaro.* Salvador, C.E.B., UFBA, 1985. 15p.
119. MARINHO, Josaphat. *Universidade, cultura e política.* Salvador, C.E.B., UFBA, 1985. 15p.
120. MENEZES, Jaime de Sã. *Oração da saudade; elogio de Pedro Calmon.* Salvador, C.E.B., UFBA, 1985. 24p.
121. AZEVEDO, Thales de. *Um momento da vida intelectual na Bahia, 1917-1938; a presença e influência do Pe. Luiz Gonzaga Cabral S. J.* Salvador, C.E.B., UFBA, 1986. 32p.



APOIO CULTURAL  
SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
GOVERNO JOÃO DURVAL CARNEIRO